

**DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM
NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA
DENTRO DO ESPECTRO AUTISTA:**

**CHALLENGES IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS
IN LITERACY FOR CHILDREN WITHIN THE AUTISM
SPECTRUM:**

**DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS AUTISTAS:**

AUTORIA: Elaine Fernandes Rosa, graduanda em Pedagogia EaD

E-mail: elainefernandes_22@hotmail.com

8 ° Período

Orientador: Cláudio Gonçalves Prado

Junho / 2025

AUTORIA: Elaine Fernandes Rosa

8 ° Período

Orientador: Cláudio Gonçalves Prado

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal apresentar estratégias que favorecem o processo de alfabetização de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Destacam-se as dificuldades enfrentadas por esses alunos durante a fase de alfabetização, assim como métodos e atividades didáticas que podem contribuir positivamente para sua aprendizagem. A metodologia adotada para a pesquisa bibliográfica, com base na análise de materiais científicos pertinentes ao tema. Os resultados indicam que é possível alfabetizar crianças com TEA, desde que sejam respeitados seus ritmos individuais de aprendizagem. Embora esse processo possa ser mais lento em alguns casos, isso não impede que o aluno obtenha sucesso em sua aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização. Atividades Didáticas. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

The main objective of this article is to present strategies that favor the literacy process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The difficulties faced by these students during the literacy phase are highlighted, as well as teaching methods and activities that can contribute positively to their learning. The methodology adopted for the bibliographic research was based on the analysis of scientific materials relevant to the topic. The results indicate that it is possible to teach children with ASD to read and write, as long as their individual learning rhythms are respected. Although this process may be slower in some cases, this does not prevent the student from achieving success in their learning.

Keywords: Literacy. Didactic Activities. Autism Spectrum Disorder.

Introdução

O processo de alfabetização infantil envolve diversos fatores que podem facilitar ou dificultar a construção do conhecimento. É fundamental reconhecer que cada criança possui um ritmo próprio de aprendizagem, construindo seu caminho com base nas experiências e estímulos que lhe são oferecidos. Quando se trata da inclusão de crianças com deficiências educacionais no ambiente escolar, essa individualidade precisa ser ainda mais valorizada, exigindo ações específicas.

Dessa forma, apenas a presença do educando na escola não garante sua aprendizagem. Desde o início da vida escolar, surgem desafios que desativam o apoio contínuo da família, dos educadores e de toda a comunidade escolar. É necessário criar um ambiente acolhedor e adaptado, que favoreça o desenvolvimento pleno do aluno e próximo da realidade, favorecendo a sua interação.

Nesse contexto, tornam-se urgentes as reflexões e os estudos voltados à alfabetização de crianças com deficiências e transtornos do desenvolvimento, com destaque para o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA é caracterizado por dificuldades na comunicação oral, na interação social e por comportamentos repetitivos e estereotipados. Crianças com esse transtorno, em diferentes graus, costumam apresentar restrições nas competências prévias à leitura e à escrita, o que exige práticas pedagógicas específicas e sensíveis às suas necessidades.

Diante disso, esse estudo aborda o conceito de autismo, o papel do professor, metodologias adequadas de ensino e a importância do lúdico como instrumento de aprendizagem, além de investigar o processo de alfabetização de crianças autistas, buscando compreender suas vivências no espaço escolar, suas formas de aprendizagem e os recursos mais eficazes para promover seu desenvolvimento. O foco está na alfabetização como uma etapa essencial, marcada pelas primeiras conquistas na fala, na leitura e na convivência com o grupo. Também destaca a colaboração da escola, da família e da comunidade como pilares fundamentais para o progresso educacional da criança com TEA.

Transtorno do Espectro Autista (TEA): definição e características

Considerando que este trabalho tem como foco principal a alfabetização de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental apresentar uma definição clara sobre o transtorno, bem como descrever algumas de suas características principais. “[...] o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando dificuldade nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais” (Augusto Frederico Schmidt, 2013, P.13). Essa condição neurológica geralmente aparece nos três primeiros anos de vida. Além disso, afeta o desenvolvimento normal do cérebro relacionado às habilidades sociais e de comunicação. Como afirmam as autoras Silva, Frighetto e Santos (2013, p.1):

A criança com autismo tem dificuldade em interagir com as outras pessoas, mudanças de rotina e de expressar suas necessidades. Onde não tem medo de perigos, apresentam pouco contato visual, sendo que não respondem a ordens verbais, sendo que ao invés de se expressar verbalmente, usam gestos ou sinais. O diagnóstico do autista se dá pela observação do comportamento da criança, pois nos dias atuais não existem testes específicos para sua comprovação. O autismo se compreende por uma síndrome complexa; com as buscas de alcançar resultados melhores no trabalho com autista, deve-se o tratamento ter uma equipe multidisciplinar, tendo em seu quadro profissionais de psiquiatria, fonoaudiologia, psicologia, neurologia, psicopedagogia e demais da área de saúde (Silva; Frighetto; Santos, 2013, p.1).

A palavra autismo foi utilizada pela primeira vez em 1911, por Bleuler, para se referir à perda de contato com a realidade e consequente dificuldade ou impossibilidade de comunicação. Portanto, as pesquisas sobre o Autismo Infantil foram iniciadas por Leo Kanner em 1943. Segundo Mello (2007, p. 15):

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) em seu histórico artigo escrito originalmente em inglês: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Nesse artigo, disponível em português no site da AMA, Kanner descreve 11 casos, dos quais o primeiro, Donald T., chegou até ele em 1938.

Passado um ano, em 1944, em seu livro “A Psicopatia autista na infância”, o autor Hans Asperger relatou casos de diversas crianças atendidas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena.

Este não conhecia o trabalho de Kanner e “descobriu” o autismo de modo independente. As descrições do autismo feitas por Asperger foram publicadas em alemão, no pós-guerra, e não foram traduzidas para outra língua, o que provavelmente contribuiu para prolongar o período de

desconhecimento a respeito de seus estudos, até a década de 80 (BRASIL, 2010, p. 09).

Kanner e Asperger destacam-se como os principais estudiosos e pioneiros nas pesquisas sobre o transtorno, sendo responsáveis pelas primeiras publicações científicas referentes à síndrome. Ambos descreveram, de forma sistematizada, suas observações clínicas acerca dos comportamentos autísticos. Com o avanço das investigações posteriores, a síndrome passou a ser caracterizada por dificuldades nas interações sociais e nos processos comunicativos. As limitações nas interações sociais envolvem, entre outros aspectos, alterações no comportamento não verbal, como o uso restrito de gestos e expressões faciais, além da tendência à repetição de palavras ou frases previamente ouvidas, comportamento este denominado ecolalia.

Os autistas são crianças que apresentam atrasos na linguagem ou ausência no desenvolvimento da fala, o que às vezes dificulta a manutenção de um diálogo. Os autistas poderão apresentar ecolalia que é a repetição do que alguém acabou de dizer, incluindo palavras, expressões ou diálogos (Hellen Vieira da Fonseca, 2009, p.16).

Destaca-se que o autismo também é referido por diferentes nomenclaturas, como transtorno autístico, autismo da infância, autismo infantil e autismo infantil precoce. Entre os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), o autismo é o mais conhecido. Segundo Grenzel (2017), crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), independentemente do grau, podem apresentar comprometimentos em diversas habilidades, as quais se manifestam ainda antes do início do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Algumas dessas crianças demonstram, inclusive, uma associação precoce entre letras e sons; contudo, é fundamental que recebam orientações adequadas ao longo do processo de alfabetização. Diante desse cenário, este trabalho apresenta uma posição crítica em relação à forma como a alfabetização de crianças com TEA tem sido conduzida, tema que será aprofundado no tópico seguinte.

Alfabetização de crianças com TEA

A alfabetização é compreendida como um processo que permite à criança desenvolver a capacidade de se comunicar por meio da vivência contínua com a leitura e a escrita. Embora muitos pais acreditem que esse processo se inicia apenas em uma fase específica da vida escolar, é importante destacar que, desde o

nascimento, a criança está inserida em uma cultura letrada. Ainda que não saiba ler e escrever de forma convencional, cabe ao professor ou professora mediar e orientar a construção do percurso leitor do educando, favorecendo sua inserção progressiva nas práticas sociais de leitura e escrita. “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (Paulo Freire, 1989, p. 48).

O processo de aquisição da leitura e da escrita é longo, exigente, contínuo e requer persistência, sendo considerado um fator determinante para o êxito ou fracasso escolar do(a) aluno(a). Após a alfabetização, o indivíduo passa a interagir mais intensamente com a cultura letrada que o cerca. Cabe destacar que alfabetização e letramento não são sinônimos. O letramento deve ser entendido como um processo mais amplo, que envolve o uso funcional da leitura e da escrita nas práticas sociais. Segundo Soares (2021), a alfabetização refere-se à apropriação do sistema de escrita alfabética, enquanto o letramento corresponde à capacidade de utilizar essa habilidade em diferentes contextos sociais e culturais. Assim, a alfabetização é vista como a base para a formação de sujeitos leitores e letrados, sendo, portanto, uma das etapas mais relevantes no processo educativo da criança.

No caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o processo de alfabetização apresenta desafios semelhantes aos enfrentados por outras crianças, embora exija maior atenção às especificidades do desenvolvimento social e comunicativo. Crianças com TEA, geralmente, apresentam dificuldades nas interações sociais, o que afeta tanto a comunicação verbal quanto a não verbal, interferindo diretamente no processo de aprendizagem e, conseqüentemente, na alfabetização. A atuação docente, nesse contexto, deve ser sensível às características mais marcantes do espectro, adaptando estratégias que favoreçam o desenvolvimento da linguagem e da escrita.

Uma das abordagens eficazes é a utilização da música como ferramenta pedagógica. Por meio dela, é possível trabalhar aspectos fonológicos como aliterações, consoantes surdas e sonoras, auxiliando na distinção de sons e evitando confusões que podem comprometer a fala e a escrita. Além da música, outras práticas

lúdicas, como teatro, gincanas e jogos educativos, contribuem para tornar o processo de alfabetização mais significativo e prazeroso. Brincadeiras, por sua vez, representam formas naturais de comunicação entre as crianças e podem servir como meio facilitador da aprendizagem, estimulando a socialização, a expressão e o desenvolvimento cognitivo, especialmente em crianças autistas.

Nesse sentido, é fundamental que o(a) professor(a) estabeleça rotinas claras e utilize recursos visuais com frequência, uma vez que o contato visual favorece a compreensão por parte das crianças com TEA. A apresentação de letras, fonemas e grafemas deve anteceder o ensino de estruturas mais complexas da língua, como frases e orações. A criação de histórias com elementos visuais atrativos como cores, objetos e personagens, também pode aumentar o engajamento da criança no processo de leitura.

O processo de aquisição da leitura e da escrita é longo, exigente, contínuo e requer persistência, sendo considerado um fator determinante para o êxito ou fracasso escolar do(a) aluno(a). Após a alfabetização, o indivíduo passa a interagir mais intensamente com a cultura letrada que o cerca. Cabe destacar que alfabetização e letramento não são sinônimos. O letramento deve ser entendido como um processo mais amplo, que envolve o uso funcional da leitura e da escrita nas práticas sociais. Segundo Soares (2021), a alfabetização refere-se à apropriação do sistema de escrita alfabética, enquanto o letramento corresponde à capacidade de utilizar essa habilidade em diferentes contextos sociais e culturais. Assim, a alfabetização é vista como a base para a formação de sujeitos leitores e letrados, sendo, portanto, uma das etapas mais relevantes no processo educativo da criança, embora exija maior atenção às especificidades do desenvolvimento social e comunicativo.

Explorar o acervo artístico dos(as) alunos(as), por meio de atividades como pintura, dança e desenho, é outra forma eficaz de estimular habilidades que contribuem para a alfabetização. O(a) docente pode, por exemplo, apresentar uma imagem e solicitar que a criança escreva a primeira letra do objeto representado ou desenhe algo relacionado ao próprio nome. Essa abordagem permite trabalhar a linguagem de forma integrada, sem a necessidade de segmentar o ensino das letras em momentos isolados. Ao inserir o jogo nas aulas de alfabetização, favorece-se a formação leitora de maneira lúdica e contextualizada. Como afirma Kishimoto (2001, p. 76), “jogos educativos ou

didáticos estão orientados para estimular o desenvolvimento cognitivo e são importantes para o desenvolvimento do conhecimento escolar mais elaborado, calcular, ler e escrever”

Os jogos, portanto, configuram-se como grandes aliados no processo de ensino-aprendizagem. Além de quebrarem a rigidez dos métodos tradicionais, evitam que a memorização mecânica de letras e palavras ocorra de forma desvinculada do significado. Muitas vezes, as crianças apenas decoram letras associadas a imagens sem compreender a função das palavras no cotidiano. É essencial que o(a) professor(a) compreenda que o processo de escrita tende a ser mais lento que o de leitura e reconhecimento grafo fônico das letras.

É comum, por exemplo, que crianças com TEA apresentem a chamada escrita espelhada, que pode emergir em atividades escolares. Ressalta-se, entretanto, que essa dificuldade não é exclusiva do TEA, podendo ocorrer em outras crianças, sendo uma das manifestações mais frequentes no processo de aquisição da escrita. Segundo Stanislas Dehaene (2012):

Todas as crianças do mundo, passam por um momento de dificuldades em sua alfabetização e os problemas em discriminar letras ou mesmo a escrita espelhada de letras e números são comportamentos bastante normais. (Stanislas Dehaene, 2012, p. 105).

Destacam-se como dificuldades recorrentes na fase da alfabetização os transtornos da disgrafia, disortografia, dispraxia e dislexia. Conforme argumenta Nussbaum (2020), no contexto das Capacidades Humanas, o sistema educacional deve garantir condições que possibilitem o desenvolvimento pleno das potencialidades de todos os alunos, independentemente de limitações físicas ou motoras. Embora essas dificuldades possam ser superadas por meio de atendimentos específicos, nem todas as crianças apresentam tais transtornos, o que pode facilitar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Métodos de ensino para alunos com autismo na alfabetização

Nos dias atuais, observa-se uma defasagem no ensino, caracterizada pela escassez de profissionais e professores qualificados, bem como pela presença limitada de especialistas nas escolas. Nesse contexto, os alunos com transtorno do espectro autista (TEA) enfrentam dificuldades para adquirir aprendizagens significativas, pois, para que o processo educacional seja qualitativo, o autismo requer a adoção de dois critérios fundamentais: diversidade e personalização.

Os alunos com TEA necessitam de atenção especial ao seu desenvolvimento, cabendo aos pais a responsabilidade principal de escolher uma escola que atenda às necessidades específicas de cada criança, independentemente de se tratar de uma instituição regular, com turmas numerosas e que não seja especializada. Em um segundo momento, destaca-se o papel dos professores, cuja atuação é fundamental para esses alunos, pois cabe a eles criar vínculos afetivos que influenciem positivamente no desenvolvimento do estudante, abrindo portas para o mundo frequentemente restrito do aluno autista.

Com o objetivo de desenvolver a comunicação e a linguagem, foram elaborados, a partir da década de 1980, procedimentos específicos para auxiliar na fala do autista logo no início da escolarização. Propõe-se, nesse contexto, a utilização de códigos alternativos, preferencialmente sinais manuais, como apoio à linguagem verbal. O primeiro método é o Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH, 2009), que busca desenvolver habilidades comunicativas em situações reais e naturais. Nesse programa, a criança utiliza a linguagem verbal associada a modalidades não orais, seguindo um guia de objetivos e atividades que auxiliam na avaliação do progresso. Para tanto, são diferenciados cinco atos comunicativos: função, contexto, categorias semânticas, estrutura e modalidade. As habilidades comunicativas são ensinadas em situações distintas e individualizadas, preparando o ambiente natural para a realização de atividades em grupo, enquanto a família é incentivada a participar ativamente do estímulo educacional.

O segundo método, proposto por Schaeffer e colaboradores (2005), consiste em um programa bimodal que combina sinais manuais e palavras simultaneamente. Nesse sistema, a criança utiliza sinais para solicitar objetos desejados, enfatizando a comunicação expressiva por meio de gestos.

Desde a década de 1970, diversas pesquisas têm sido desenvolvidas para auxiliar na aprendizagem de crianças com TEA e identificar estratégias educacionais adequadas. Powers (1992) destacou alguns princípios fundamentais para métodos educacionais eficazes: devem ser estruturados e baseados em conhecimentos de modificações comportamentais; evolutivos e adaptados às características individuais dos alunos; funcionais e com definições explícitas para generalização; envolver a família e a comunidade; e serem intensivos e precoces.

Nos primeiros anos de vida escolar, o tratamento individualizado pode demandar de 30 a 40 horas semanais, especialmente para crianças com quadros graves ou baixos níveis intelectuais. Métodos que evitam o aprendizado por tentativas e erros demonstram maior eficácia, pois o ensino baseado em erros pode reduzir a motivação e prejudicar o desenvolvimento da capacidade. Para tanto, recomenda-se motivar a criança, apresentar as tarefas somente quando ela estiver atenta, adaptar as atividades ao seu nível evolutivo, empregar seus interesses e proporcionar reforçadores contingentes, imediatos e potentes. A infância é o período em que ocorrem as primeiras aquisições das habilidades de aprendizagem, pois é por meio da experiência que a criança com TEA compreende o mundo ao seu redor, aprendendo sobre si mesma e os outros. O brincar representa um fator inicial fundamental que promove o desenvolvimento mental e físico. Nesse sentido, o lúdico, especialmente no contexto escolar e durante a alfabetização, constitui uma ferramenta essencial para o aprendizado, proporcionando um ambiente calmo e propício. Quando o professor utiliza estratégias lúdicas, promove-se a aprendizagem por meio da brincadeira, favorecendo o desenvolvimento das crianças com TEA.

Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino – aprendizagem condições para a maximizar a construção do conhecimento introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (Tizuko Kishimoto, 2008, p.37).

O brincar é fundamental nessa fase da alfabetização, principalmente com os que têm TEA (Transtorno do Espectro Autista). Apresentando a ludicidade para as crianças chamando sua atenção para aquilo que o professor está dizendo, e assim captando sua atenção, ele aprenderá nas diferentes áreas.

As atividades didáticas que fazem uso do lúdico ajudam a criança a organizar-se de forma prazerosa, proporcionando-lhe momentos de análise, de lógica, de percepção sensorial, dentre vários outros aspectos. O processo de aprender o mundo se dá pela curiosidade que impulsiona a pessoa para a descoberta e repetidas explorações. A educação pelo lúdico leva a aprendizagem espontânea, a um maior interesse e aumento de autoconfiança (Yogi, 2003, p.5)

É importante ressaltar que o ambiente escolar deve colaborar para atender às limitações e especificidades dos alunos com transtorno do espectro autista (TEA), abrangendo aspectos como o espaço físico, a equipe gestora, os professores e toda a comunidade escolar, dedicando atenção especial ao atendimento e à inclusão desses alunos. Os jogos e brincadeiras não apenas facilitam o processo de aprendizagem, mas também promovem a interação entre os colegas de classe, possibilitando a construção de uma visão de mundo e o desenvolvimento do senso crítico.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou na formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade (Sandra Regina Dallabona 2004, p.2).

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) necessitam de estímulos constantes para o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem. Nesse sentido, algumas das atividades que os professores podem utilizar como ferramentas auxiliares incluem pinturas, desenhos, jogos, brinquedos e brincadeiras. Santos (2020) discute como as práticas lúdicas podem funcionar como metodologias eficazes no processo de ensino-aprendizagem de crianças com TEA. Entretanto, é fundamental respeitar o tempo e as vontades das crianças durante essas atividades, de modo a possibilitar a interação e a comunicação. Conforme Pendeza e Souza (2015, p. 164), “o enaltecimento do indivíduo vem atrelado à valorização da infância, pois a criança com autismo é, antes de tudo, criança e deve viver sua fase de desenvolvimento de forma plena, tendo suas características pessoais respeitadas”.

O educador desempenha um papel fundamental ao estimular, orientar e observar, em diversas situações que favorecem o desenvolvimento da saúde mental e física da criança. Dessa forma, busca-se um crescimento intelectual pleno e abrangente, uma vez que, por meio dos jogos e dos métodos aplicados, é possível aprimorar múltiplos aspectos do desenvolvimento, estimular a comunicação, favorecer o raciocínio, fortalecer o vínculo entre emoções e promover a autoestima e a confiança do aluno.

Metodologia

Para a realização deste estudo, adotou-se uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em bases teóricas provenientes de livros, artigos e fontes digitais confiáveis, com o objetivo de investigar conceitos relacionados à alfabetização e à aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa buscou explorar e descrever as especificidades desse processo, estabelecendo um vínculo entre os alunos autistas e suas formas de aprendizagem.

O enfoque da investigação foi de caráter objetivo, visando proporcionar uma melhor

compreensão do tema, especialmente no que tange às estratégias que facilitem o processo de alfabetização para crianças com TEA, tanto do ponto de vista dos alunos quanto dos professores. Dessa forma, buscou-se identificar práticas que atendam às necessidades desses alunos no contexto da educação regular.

Considerações finais

A partir das reflexões apresentadas neste trabalho, observa-se que desenvolver e trabalhar com crianças autistas é uma tarefa complexa, que requer profissionais capacitados, orientados e bem informados, comprometidos em atender da melhor forma possível seus alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). É fundamental que esses profissionais busquem constantemente novos estudos, desafios e métodos de ensino-aprendizagem eficazes para esse público.

No que tange ao autismo, destacamos que, graças aos pesquisadores, estudiosos e psicólogos que identificaram e analisaram as particularidades de algumas crianças, foi possível compreender esse transtorno. Dessa forma, professores e educadores assumem o papel de alfabetizar esses alunos, buscando as melhores estratégias para que o aprendizado ocorra de forma efetiva, reconhecendo que esse processo inicial é um momento crucial para o desenvolvimento de qualquer estudante na fase escolar.

Ressaltamos, portanto, a importância de compreender o autismo, os métodos adequados para a alfabetização de alunos com TEA, e o papel conjunto do educador, da família e da escola, que devem atuar em parceria para promover a aprendizagem desses estudantes. Destaca-se ainda que o uso do lúdico configura-se como a ferramenta mais relevante e amplamente empregada para facilitar a compreensão dos conteúdos abordados, bem como para ampliar o conhecimento sobre o mundo.

Conclui-se que esta pesquisa bibliográfica exerce papel significativo ao contribuir para que professores em formação e aqueles já atuantes em sala de aula possam aprofundar seu entendimento sobre a alfabetização de alunos com autismo e conhecer os métodos atuais aplicados. Assim, este trabalho serve à comunidade científica e, sobretudo, colabora para promover o desenvolvimento educacional de estudantes com TEA.

REFERÊNCIAS

AUTISMO E REALIDADE. Kanner, Asperger, Rutherford e Wing são os maiores nomes da história da pesquisa sobre TEA. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2019/11/27/quatro-medicos-que-mudaram-a-visao-do-mundo-sobre-autismo/> Acesso em: 01 jun. 2025.

BARBOSA, Priscila Maria Romero. **Autismo**. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/40/autismo#:~:text=Autismo%2C%20do%20grego%20aut%C3%B3s%2C%20significa,20>) Acesso em: 31 maio 2025.

BRASIL. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 86 p. ISBN 978- 85-334-2089-2.

BRASIL. **Diretrizes de estimulação precoce**: crianças de zero a 3 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 184 p. ISBN 978-85-334-2434-0.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial**: Equitativa, inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. 124p.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p. ISBN 978-85-334-2108-0.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem**: autismo. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, 2023. 64p.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

NUSSBAUM, M. C. **O enfoque das capacidades: uma proposta humanista para a cooperação internacional e a política pública**. Tradução: Teresa Dias Carneiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

NUSSBAUM, Martha C. **As fronteiras da justiça: deficiência, nacionalidade e**

pertencimento, 2017.

ORTIZ, Juliana; FONTES, Maria Alice. Os desafios da alfabetização: contribuições de fonoaudiólogo, psicopedagogo e neuropsicólogo. Disponível em: <https://clinicaplenamente.com.br/os-desafios-da-alfabetizacao-contribuicoes-do-fonoaudiologo-psicopedagogo-e-neuropsicologo-juliana-ortiz-maria-alice-fontes/> Acesso em: 30 maio 2025.

SANTOS, A. P. **Práticas pedagógicas lúdicas na Educação Infantil para crianças com Transtorno do Espectro Autista.** 2020. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2020.

SANTOS, Regina Kelly dos. VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): Do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional,** 2017. www.periodicos.ufersa.edu.br Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413/pdf#:~:text=%E2%80%9C%C%5B...%5D%20o,que%20essas%20dimens%C3%B5es%20s%C3%A3o%20insepar%C3%A1veis>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

SANTOS, Rúdia Vieira dos. **Contribuições do lúdico no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro do Autismo,** 2020.

SILVA, Lucimauro Palles da. O espelhamento no processamento visual de estímulos gráficos e sua possível associação com variáveis linguísticas e cognitivas. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/196> Acesso em: 31 maio 2025.

SILVA, Lucinéia Cristina da; FRIGHETTO, Alexandra Magalhães; SANTOS, Juliano Ciebre dos. O autismo e o lúdico. Revista Nativa – Revista de ciências sociais do norte do Mato Grosso. V.1. n. 2, 2013. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/81/pdf>. Acesso em: 30 maio de 2025.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2021.

YOGI, Chizuko. Aprendendo e brincando com música e com jogos. Volume 2. Belo Horizonte: Fapi, 2003.